

PROJETO ACERVO: INFORMAÇÕES HOSPITAIS COLÔNIAS

1 - Nome da Instituição: Hospital Aquiles Lisboa

2 - Histórico: Antiga Colônia do Bonfim

Ver Artigo em anexo

3. Situação Atual:

Atualmente funciona como um hospital geral, tem sua fonte de recursos oriundos do Estado e da União, (a colônia possui área total de 317.000m²) e trata as mais diversas patologias, porém a sua grande clientela ainda é o portador de Hanseníase, entre egressos, pacientes em tratamento e acompanhamento de episódios reacionais comuns a esta patologia.

Oferece diversas especialidades tais como Dermatologia, pediatria, odontologia, clínica geral, ginecologia, radiologia, enfermagem, terapia ocupacional, fisioterapia, psicologia, serviço social. Possuindo laboratório para exames rotineiros inclusive a pesquisa de BAAR e um setor de imunização.

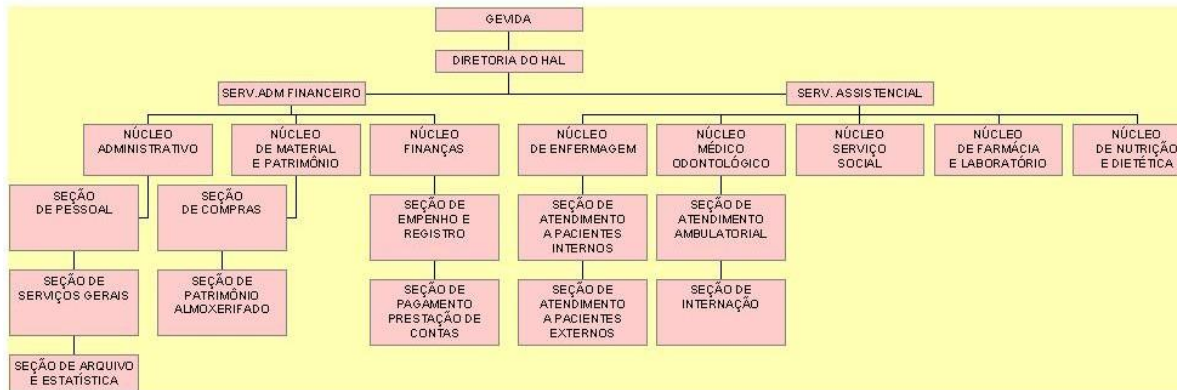
Disponibiliza ainda serviços de reabilitação e possui em sua unidade de internação 09 leitos femininos, 18 leitos masculinos, 07 leitos para a pediatria e 04 leitos especiais para pacientes em estado grave. Oferece os programas de hipertensão e diabetes, Controle da Hanseníase, Doenças Sexualmente Transmissíveis.

Mesmo com após a extinção do sistema de hospitais-Colônia, muitas pessoas entre portadores e sadios ainda procuram o hospital, desejosos de instalarem-se nas poucas casinhas que ainda estão em condições habitáveis, mas que permanecem fechadas.

O antigo asilo Pe. João Lemmen ainda funciona dentro da unidade hospitalar em atenção a três idosos portadores de Hanseníase e que à época da extinção do sistema não tiveram para onde ir.

Existem ainda 13 casas remanescentes ocupadas por egressos e familiares destes.

ORGANOGRAMA DO HOSPITAL AQUILES LISBOA, SÃO LUIS



INFORMAÇÕES DOCUMENTAÇÃO & MEMÓRIA

4 – Tipo de documentação:

(X) textual (X) Iconográfica (X) bibliográfica (X) oral

() outra: especificar: _____

6 – Há algum tipo de trabalho de preservação?

() sim (x) não

7 – Em caso positivo: Que tipo de ação de preservação?

() Museu
 () Memorial
 () Centro de Documentação
 () Biblioteca
 () Outra: especificar: _____

8 – Sobre o local de guarda da documentação:

8.1 Localiza-se na Instituição

(x) sim (algumas) () não

8.2. Apresenta-se satisfatório:

() sim

(x) não

Obs: As plantas baixas, o quadro e os dois livros antigos de registros encontram-se na administração, as caixas resgatadas no antigo prédio de administração encontram-se no setor de almoxarifado do ambulatório e da unidade de hospitalização, as fotografias doadas e os cd's dos eventos encontram-se em poder de Aniemarkie, as fotografias em poder de particulares.

9 – O local possui mobiliário: *(estantes, mesa de trabalho, etc.)*

Foram feitos alguns arranjos na tentativa de designar um lugar para a pesquisa e guarda da documentação arrecadada, a terapia ocupacional cedeu um dos seus espaços para este fim. Encontram-se disponíveis nesta sala; uma mesa de madeira, duas cadeiras de palhinha, uma estante de aço e um arquivo de aço em condições de uso. O local também é dotado de uma bancada de mármore.

12 – Recursos humanos envolvidos *(quantificar e qualificar)*

Na atual pesquisa encontram-se envolvidas três pessoas;

1. Ana Maria dos Santos Martins Pinho, (a aniemarkie) Terapeuta Ocupacional Especialista em Psicomotricidade, funcionária do Hospital Aquiles Lisboa;
2. Ângela Maria Araújo dos Santos Schiavotelo (Acadêmica de Direito), funcionária da Elle Jolie e;
3. Valmir Cruz Bezerra. Arte Educador, funcionário antigo do Hospital Aquiles Lisboa, hoje desempenhando suas funções na HEMOMAR (Centro de Hematologia do Maranhão).

13 – Recursos financeiros: *(como este trabalho é feito, existe algum apoio financeiro, que tipo, de quem)*

Não existe recurso financeiro até o momento.

14 – A comunidade da Colônia conhece o trabalho que vem sendo realizado:

(X) sim

() não

14.1. A comunidade está envolvida no trabalho:

(X) sim. Encontra-se disposta e acessível a ajudar.

() não

De que forma: Prestando informações, depoimentos orais, doando materiais iconográficos etc.

15. Existe um trabalho de recuperação da memória dos moradores da Colônia através de História Oral?

() sim

(x) não

16. Existe algum trabalho sobre a história da Instituição? (acadêmico, institucional, etc)

() sim

() não

Um trabalho efetivo não existe. O que existe são acadêmicos que tentam resgatar esta história oral através da elaboração de seus trabalhos de conclusão de cursos (TCC). Podemos citar o Curso de História, de Medicina, (entre outros).

16.1. Seria possível indicar a referência:

1. **Mayre Araújo** acadêmica de Medicina está realizando uma pesquisa sobre as repercussões sociais da Hanseníase na qualidade de vida dos egressos.
2. **Jacklady Nascimento** acadêmica do curso de história apresentou TCC à Universidade Federal do Maranhão versando sobre a história da Hanseníase nos meados do século XX no Maranhão, enriquecido com depoimentos de pessoas que foram internadas compulsoriamente.
3. **Grasiele Sampaio** apresentou ao UNICEUMA como TCC a proposta da Terapia Ocupacional na ressocialização do portador do mal de hansen.
4. **Ana Maria dos Santos Martins Pinho** apresentou à Faculdade Santa Fé o Artigo Científico “A TRAJETÓRIA DA HANSENÍASE: O preconceito milenar na atualidade” para defesa de seu título de Especialista em psicomotricidade em 2007.

5. Estudantes secundaristas: **João Ricardo dos Santos Pinho e Catarina Guimarães Corso** apresentaram à Assembléia Legislativa do Maranhão no evento DEPUTADO-ESTUDANTE o projeto de Lei do Parlamento estudantil que Institui o Dia Estadual de Combate a Hanseníase e ao Preconceito contra os Portadores de Hanseníase.

17. Informações Adicionais:

Como considerações finais cito um astroman de show caríssimos que se rendeu à causa do **Morhan** (Movimento pela reintegração dos portadores de Hanseníase), e trabalha pela eliminação da Hanseníase como voluntário, Ele, o mito **Ney Matogrosso** assegura que: "É preciso derrubar o estigma que marca a doença. Os cidadãos brasileiros precisam saber que a Hanseníase tem cura, que o tratamento é gratuito e que, por lei, precisa estar disponível na rede pública de saúde. Seguindo sua linha de pensamento afirmamos que os cidadãos do mundo precisam saber sobre a história da Hanseníase. E é com os olhos voltados nesta direção que todos nós do Projeto Acervo iremos desenvolver nosso trabalho: temos um compromisso com a humanidade.

Responsável pelas informações prestadas:

Ana Maria dos Santos Martins Pinho

Contato:

Tel. Res. (98) 3239.0088

Cel. (98) 8837.4656

E-mail: 1. aniemarie@hotmail.com
2. to.anniehal@gmail.com



**COLÔNIA DO BONFIM NO PASSADO, HOJE HOSPITAL AQUILES LISBOA:
69 ANOS DE HISTÓRIA A SER RECUPERADA E PRESERVADA**

São Luís / MA
2007

"A História procura especificamente ver as transformações pelas quais passaram as sociedades humanas. As transformações são a essência da História; quem olhar para trás, na História de sua própria vida, compreenderá isso facilmente. Nós mudamos constantemente; isso é válido para o indivíduo e também é válido para a sociedade. Nada permanece igual e é através do tempo que se percebe as mudanças". (Vavy Pacheco Borges)

ANA MARIA DOS SANTOS MARTINS PINHO¹

RESUMO

Aborda-se o sistema asilar compulsório representando pela ex-Colônia do Bonfim, sua criação, fundação e localização. Enfatiza-se a necessidade de recuperação e preservação da história da Hanseníase no Maranhão. Expõem-se as possibilidades e dificuldades encontradas nesta primeira etapa do Projeto Acervo, lança-se um olhar histórico sobre as mudanças ocorridas após o advento

da PQT (Poliquimioterapia), na extinção do sistema de internação compulsória e conseqüente transformação da Colônia do Bonfim em Hospital Aquiles Lisboa, Levanta-se informações sobre registros históricos, trabalhos realizados e em elaboração sobre o passado de egressos que detém a maior parte da história maranhense da Hanseníase.

Palavras-chaves: história – Hanseníase – Colônia do Bonfim – Maranhão

ABSTRACT

This report represents the former inhabitants of Bonfim, as well as the origins and construction of the colony. This contributes to the preservation of the history of leprosy in Maranhão, discussing the possibilities and difficulties encountered in this first stage of the project. It covers the changes that occurred with the advent of effective chemotherapies, with the end of the system of obligatory internment and the consequent transformation of colony of Bonfim into the Hospital Aquiles Lisboa. It contains information about the historical registers that may shed light on the past and provide much information on the history of leprosy in the state of Maranhão..

Word-keys: history - leprosy- colony of Bonfim - Maranhão

1 INTRODUÇÃO

A história da Hanseníase no Maranhão, não foge ao que já foi dito em outros relatórios dos participantes do Projeto Acervo, todavia, buscando analisar o material que ainda se dispõe da antiga colônia permite concluir que, outrora, apesar do isolamento, responsável pela dialética entre o pouco saber e os mitos da Hanseníase, nota-se que havia uma regularidade nas ações desenvolvidas e no controle dos métodos na busca de um tratamento mais adequado, tendo o Dr. Aquiles Lisboa como parte desta história já que na época foi diretor do então hospital-colônia tendo elaborado a cartilha de profilaxia da *lepra*, como contribuição na tentativa de evitar a disseminação da doença.

A Colônia do Bonfim surgiu como órgão representativo do Governo Federal no combate à *lepra* no Maranhão demonstrando a preocupação da Saúde Pública. Seu nome derivou-se do fato de estar localizada no Cabo do Bonfim,

sendo o Bonfim referenciado como “Cabo fronteiro à capital do Maranhão, na margem esquerda do rio Bacanga, cercado por um banco de areia, que é coberto inteiramente pela enchente da maré”.(Costa *apud* Araújo)

A Colônia do Bonfim foi construída para “*abrigar leprosos*” na Ponta do Bonfim sendo separada do centro da cidade pelo rio Bacanga, à margem esquerda da foz desse mesmo rio. A área da colônia destinou-se anteriormente à um hospício (1718), local onde eram recolhidos prisioneiros atacados pelas “bexigas” (1784), para a quarentena de escravos oriundos da Costa da África (1806) e também um cemitério dos ingleses. Escolhido exatamente por ser um local bem afastado, tornou-se ideal para o isolamento de “*leprosos*” como forma de afastá-los definitivamente do convívio social. Sendo o acesso a colônia apenas através do mar.

2 COLÔNIA DO BONFIM NO PASSADO, HOJE HOSPITAL AQUILES LISBOA: UM OLHAR HISTÓRICO

Antes da definitiva fixação na Ponta do Bonfim, o “leprosário” como era chamada a casa de saúde que recebia os portadores de Hanseníase, esteve localizado no bairro do Goiabal, adjacente ao bairro da Madre Deus que margeia o Rio Anil.

Como alternativa de isolar definitivamente esse grupo, o poder público formou uma colônia na outra margem do rio, forçando a permanência dos mesmos longe dos “sadios” como eram chamados àqueles que não estavam acometidos pela doença. Dada esta condição segregacionista, muito “*leproso*” como eram chamadas as pessoas vitimadas pela doença à época, perdiam contato com familiares, pois para chegar à colônia era necessário atravessar o rio de barco ou canoa, até o porto do Bonfim, que já não existe mais.

Durante este período de regime de Colônia, a assistência à saúde e social através do isolamento buscava da melhor maneira sanar as faltas da

sociedade com o portador de Hanseníase, em contra-partida, os remanescentes desse sistema comentam que, partilhavam as mesmas necessidades dentro de um mesmo universo, reconstruindo suas relações sociais.

Relatam ainda que na colônia, se plantava, colhia e pescava nas camboas que ainda resistem às margens da ponta do Bonfim, rodeada pela praia da Guia, um lugar paradisíaco, porém muito perigoso nos dias atuais, pela insegurança que sua condição de praia desértica apresenta.

Hoje eles rememoram que se reuniam em orações, seguiam em procissões, estudavam, praticavam esportes como futebol, assistiam a filmes, namoravam, casavam, tinham seus filhos, tentando assim resistir ao esquecimento a que o isolamento lhes impunha.

Também realizavam festejos como o bumba-meu-boi, e dessa forma preservando parte da cultura maranhense podendo-se constatar estas recordações pelo quadro montado com fotografias das pessoas em eventos culturais e religiosos. Quadro este que sozinho reúne informações preciosas e que na falta de registros a resgatar torna-se verdadeiro monumento histórico, mostrando as instalações da colônia e as divisões a que eram submetidos pela segunda vez (zona sadia e zona doente). Este quadro alcançou os nossos dias resistindo as intempéries do tempo e descaso, sendo datado do ano de 1941, com legendas em letras arabescas realizadas pelas irmãs da congregação religiosa que administravam a colônia nessa época.

Essas fotos também mostram construções atualmente inexistentes, como lavanderia, escola, casa para gerador de energia, administração, um ambulatório entre outras construções. Ainda hoje, podemos buscar referências vivas dessa história entre os remanescentes, como, os senhores Eurico, Newton, Edílson, Lucinda e Domingas.

Hoje em dia a Colônia do Bonfim chama-se Hospital Aquiles Lisboa, nome dado em homenagem ao médico maranhense Aquiles Faria Lisboa, nascido na cidade de Cururupu em 28 de Setembro de 1872, considerado o pioneiro no tratamento da Hanseníase no Maranhão sendo agraciado pela Assembléia Legislativa do Maranhão com um selo comemorativo a ser usado em toda correspondência oficial daquela casa legislativa.

O atual Hospital Aquiles Lisboa, nomeado em homenagem a este médico está localizado na Ponta do Bonfim, sendo a referência histórica do tratamento da Hanseníase no Maranhão, e outrora denominado de Colônia do Bonfim, localizada na periferia da cidade intencionalmente desde sua criação em 1932, e fundação em 17 de outubro de 1937, há exatamente 69 anos, para isolar os portadores de Hanseníase, devido o sistema de saúde da época.

Quanto à documentação antiga e histórica que nos deveria nos dias atuais dar a dimensão da experiência com a Hanseníase ali vivida é quase inexistente, o que encontramos foram apenas dois livros de registro datado da época da fundação da colônia em estado de péssima conservação, o quadro já mencionado, algumas plantas baixas da construção do hospital, da administração, do asilo e da antiga cozinha, mas feitos recentemente (ano 2003) pelos então dirigentes da época vista haver necessidade de conhecer a arquitetura da construção para realizar alguns reparos.

Acerca de registros históricos o que se comenta (e isto não tem comprovação alguma, sendo até que algumas pessoas desmentem o fato, então não podemos afirmar como verídico) é que, quando a esfera pública assumiu o comando da colônia, houve um incêndio no prédio do convento, onde estavam a maioria dos papéis de registro das internações e controle dos pacientes, entre outros documentos.

Verdade ou não, fato certo é que com a não preservação destes documentos, iniciou-se o processo de extinção da história de uma minoria que esteve isolada do resto da sociedade por longas décadas. Perdendo-se dessa forma, uma infinidade de referências para registro do que foi a antiga Colônia do Bonfim.

Ninguém sabe ao certo o que houve de fato e que destino teve estes documentos ou se algum deles ainda jazem nos muitos embrulhos de papéis que foram resgatados em péssimo estado de conservação na ocasião da reforma do antigo prédio da administração, que voltou a funcionar novamente, sendo transferida toda a administração que outrora funcionava no ambulatório para este prédio agora reformado.

E aos quais não tivemos como acessar por estar a casa no momento em mudança de setores e tais documentos não foram liberados por haver necessidade de uma triagem, visto estarem misturados a papéis de datas mais recentes e em péssimas condições, sendo inviável no momento o manuseio de tal documentação, justificando-se assim o atraso na elaboração final do relatório.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda hoje, falar sobre Hanseníase é abrir caminho para curiosidade, discussões e perplexidade. Esta patologia não é uma doença nova, já existe desde o início do cristianismo, onde encontramos registros em trechos bíblicos, porém, apesar de ter-se encontrado a cura através de poliquimioterapia, pouco sucesso se conseguiu para eliminar os mitos que cercam da doença.(CRUZ, 2007)

Atualmente os maiores registros encontram-se nas memórias dos poucos remanescentes daqueles tempos de isolamento compulsório, e que necessitam ser resgatados sob pena de perecerem para sempre e ficarmos nós os

maranhenses privados da nossa própria história de convivência com esta doença e a história mundial desfalcada em sua totalidade.

Mas, a história é para sempre e seu resgate é nosso dever, pois os que virão após a nossa geração precisam tomar conhecimento dela e assim valorizar a eliminação da Hanseníase e lutar por ela de todas as formas para que a história do isolamento de seres humanos de seus semelhantes e que foi escrita com lágrimas de dor nunca mais se repita sobre a face da terra.

REFERÊNCIAS

CRUZ, Valmir Bezerra. Histórico da Colônia do Bonfim. 2007

Disponível em <<http://www.campinas.sp.gov.br/saude/noticias/htm>> acesso em 30.05.2007

Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist>> acesso em 30.05.2007

PROJETO DE LEI DO PARLAMENTO ESTUDANTIL, de 2006.(São Luís/Ma) Institui o Dia Estadual de Combate a Hanseníase e ao Preconceito contra os Portadores de Hanseníase. De autoria de: João Ricardo dos Santos Pinho e Catarina Guimarães Corso

Borges. Vavy Pacheco. "O que é História", Editora Brasiliense, 1998, 4a Edição, p. 18.